

EDUCAÇÃO DE ESPAÇOS OUTROS: HISTÓRIA E CONCEPÇÕES QUILOMBOLAS

Cécilia Marcelina de Oliveira*

Cleide Maria da Silva**

Paulo Inácio dos Santos***

Pedro Fernando dos Santos****

RESUMO

Este artigo aborda os processos históricos educacionais vivenciados no Quilombo de Conceição das Crioulas, considerando os espaços outros de educação como forma de fortalecimento da identidade quilombola. Destacamos as experiências de resistência e luta no enfrentamento às imposições de dominações políticas, os sonhos e as conquistas de hoje. Diante dessa trajetória, atualmente é possível refletir sobre as práticas libertadoras, numa perspectiva de reconhecimento, afirmação e (re)afirmação da identidade do povo quilombola de Conceição das Crioulas. Povo que sempre acreditou na construção de uma nova forma de produção do conhecimento, (re)significação e propagação dos saberes a partir de espaços coletivos. Espaços que foram e são condições de manifestações dos saberes, que outrora foram privados de sua contribuição e que atualmente são (re)significados numa visão emancipadora do saber e do viver. Nesse sentido, o nosso trabalho foi construído a partir dos pressupostos teóricos de Paulo Freire, Maria da Glória Gonh entre outros. Esta construção é fruto de pesquisas bibliográficas, entrevistas, conversas e a partir da observação do cotidiano da comunidade. Partindo do princípio de que há diversas formas e espaços de aprendizagem destacamos os sítios arqueológicos, as bonecas de caróá, a Banda de Pífano e o trancilim. Estes espaços nos ensinam, principalmente, sobre a nossa história, nossos mitos, nossos antepassados; destacam a importância das mulheres e dos homens, além de ser uma aprendizagem prazerosa para crianças, jovens e adultos.

Palavras-chave: Educação quilombola, Quilombo Conceição das Crioulas, Transformação, Aprendizagens, Saberes.

ABSTRACT: EDUCATION OF SPACES OTHERS: HISTORY AND QUILOMBOLA CONCEPTIONS

This article approaches the historical educational processes experienced in Quilombo de Conceição das Crioulas, considering the other spaces of education as a way of strengthening the quilombola identity. We highlight the experiences of resistance and struggle in facing the impositions of political dominations, the dreams and the conquests of today. Faced with this trajectory, it is now possible to reflect on the liberating practices, in a perspective of recognition, affirmation and (re) affirmation of the identity of the quilombola people of Conceição das Crioulas. People who have always believed in the construction of a new form of knowledge production, (re) signification and propagation of knowledge from collective spaces. Spaces that were and are conditions of manifestations of the knowledge that once were deprived of their contribution and that are currently (re) signified in an emancipating vision of knowledge and of living. In this sense, our work was built based on the theoretical assumptions of Paulo Freire, Maria da Glória Gonh and others. This construction is the result of bibliographical research, interviews, conversations and from the daily observation of the community. Starting from the principle that there are several forms and spaces of learning we highlight the archaeological sites, the caróá dolls, the Band of Pífano and the trancilim. These spaces teach us principally about our history, our myths, our ancestors, highlight the importance of women and men, as well as being a pleasurable learning for children, young people and adults.

Keywords: Quilombola education, Quilombo Conceição das Crioulas, identity, other spaces, education.

* Quilombola da Comunidade de Conceição das Crioulas-Salgueiro, Pernambuco. Professora na Escola Municipal José Nêu de Carvalho, no mesmo território. Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade de Ciência, Educação e Tecnologia de Garanhuns –FACETG. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central – FACHUSC/PE. Email: celciacrioula@gmail.com

** Quilombola da Comunidade de Conceição das Crioulas – Salgueiro, Pernambuco. Professora na Escola Municipal Professor José Mendes, no mesmo território. Graduada em História pela Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central – FACHUSC/PE.

*** Ex-Professor da Escola Municipal Professor José Mendes. Atualmente é Professor das escolas Municipais da sede de Salgueiro, Graduado em Arte Educação pela Universidade Federal do Piauí. Email: paulompa.pe@hotmail.com

**** Mestre em educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Especialista em História Afro-brasileira e Indígena pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco, Pernambuco – CESVASF/PE. Graduado em Letras pela Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central – FACHUSC/PE. Email: pedrinho_quilombola@hotmail.com

1 Educação e Etnia: Saberes do Povo Quilombola.

O processo educacional no Território Quilombola de Conceição das Crioulas possui uma dinâmica que se diferencia das formalidades impostas pelo sistema de educação. Nesse processo, as práticas educativas acontecem de diversas formas e em vários espaços, o que significa dizer que elas acontecem também fora das salas de aulas e que os valores, as crenças, os conhecimentos e as histórias espalhadas pelo território têm significados muito importantes para essa população.

Os espaços outros de educação, a que nos referimos, são aqueles do dia a dia do povo da comunidade: os terreiros das casas, as bonecas de caroá, os sítios arqueológicos, a banda de pífano, o trancilim, as celebrações religiosas, os mutirões, os açudes, as roças, as oficinas de artesanato, as reuniões, os encontros, as assembleias das associações de agricultores e agricultoras, ou seja, são aqueles em que as sabedorias são partilhadas e vivenciadas por crianças, jovens, e adultos numa ação inerente e do cotidiano comum. São espaços de discussões, de tomadas de decisões e de encaminhamentos.

Neste sentido, define-se como o objetivo identificar os fatores que marcam o processo de (re)significação dos saberes e das experiências de vida das pessoas a partir da compreensão de significados que, não são tão palpáveis e observáveis, mas que se manifestam de diferentes formas transformando e (re)significando o modo de viver das pessoas. Conforme Freire (1997). O processo de conhecer faz parte da mesma natureza da “educação popular” não pode fazer exceção.

O nosso propósito é apresentar os delineamentos que configuraram a realização do trabalho, cuja preocupação é analisar espaços outros de educação e seus significados e sentidos como elementos expressivos, considerando sua importância no processo educativo como parte da construção da identidade dos sujeitos quilombolas, com vistas a descrever os diferentes momentos que determinam as formas de vivenciar a cultura de cada povo.

Pela estratégia do tipo de pesquisa, o trabalho limita-se a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, tratando das contribuições de espaços outros de educação como condição de reconhecimento dos saberes construídos ao longo do tempo, possibilitando discutir a relação com essas práticas e os

conhecimentos adquiridos em sala de aula.

2 Conceição das Crioulas: No Chão da História

Conceição das crioulas está localizada no II Distrito no município de Salgueiro, no sertão de Pernambuco. A Comunidade fica há 550 quilômetros de Recife. O território quilombola é composto por aproximadamente 30 núcleos populacionais, nos quais residem aproximadamente 750 famílias. De acordo com os dados a população é composta por 51% de mulheres e 49% de homens.

Segundo os moradores, a comunidade de Conceição das Crioulas remonta ao início do século XVIII, com a chegada de seis negras. Logo após chegou Francisco José de Sá, um escravo fugitivo. Posteriormente Francisco José de Sá e as Seis negras arrendaram uma porção de terras equivalente a três léguas em quadra dando origem então ao povoado de Conceição das Crioulas.

A princípio, as seis negras arrendaram uma área de terra que, aos poucos, foram comprando, graças ao trabalho de produção e fiação de algodão que eram vendidos na cidade de Flores, Pernambuco. Parte da área adquirida foi

doadada para construção de uma capela, onde colocaram a imagem de Nossa Senhora da Conceição que Francisco José de Sá havia trazido na viagem. Em homenagem à santa, a comunidade passou a se chamar Conceição das Crioulas.

Historicamente a comunidade foi constituída com muitos desafios, lutas e enfrentamentos a fazendeiros, resistência e discriminação de colonizadores, mas foi com esses sofrimentos que a comunidade conseguiu construir sua história em meio às dificuldades. Mas foi também por meio de atitudes de pessoas das intuições religiosas intermediada pelo Estado e, do esforço de algumas lideranças que conseguiram forjar a entidade que começou a legitimar as ações e pautas específicas.

3 Processos Educativos: Construção Histórica e Educacional de Conceição das Crioulas

No final da década de 1940 foi construída a primeira escola de 1ª a 4ª série denominada Escola Típica Rural, pois naquela época as escolas pertenciam ao estado e eram pensadas sempre com a mesma estrutura. O povo quilombola de Conceição das Crioulas não tinha condições e oportunidade de se

escolarizar, somente os fazendeiros e seus filhos detinham esse poder. As poucas pessoas do Quilombo, que foram alfabetizados, aprenderam apenas o alfabeto e assinar o nome, pois não havia intenção por parte do poder público de escolarizar para fortalecer a luta e transmitir conhecimento.

Até a década de 1990 do século XX, as escolas em Conceição das Crioulas estavam nas mãos da elite agrária do sertão, da sua ideologia e do seu propósito de colonização. E, desta forma, a educação servia de constrangimento e era um instrumento para fortalecer a discriminação na comunidade. Uma moradora e educadora local afirma:

Essas pessoas que vinham atuar como professores e professoras na nossa comunidade nos ensinavam de forma bem sutil, que era feio ser negro, que nosso cabelo era pixaim, era ruim, então era para se dizer apenas que era moreno escuro ou moreno claro. E principalmente negar que era de Conceição das Crioulas porque aqui era um lugar atrasado e que só tinha negro. Então por muito tempo a escola teve esse papel na nossa comunidade. (MARIA DIVA DA SILVA RODRIGUES, Entrevista para a Comissão de Educação da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas).

Isso é uma agressividade aos povos, é a negação das práticas educacionais que eram vivenciadas numa perspectiva conservadora de atrofiamento dos

saberes, negando os sujeitos, principalmente, o povo negro na questão da afirmação de sua identidade, onde as dificuldades sociais e econômicas eram explicitamente visíveis: dificuldade de locomoção, de alimentação, como também de formação docente e discente, ou seja, tudo isto existia há alguns anos atrás e que em muitas comunidades quilombolas ainda é bem presente esta realidade.

A luta faz a diferença em qualquer situação, foi nessa perspectiva que há aproximadamente 20 anos, o sonho virou realidade quando foi conquistada a primeira escola de ensino fundamental, anos finais - A escola Municipal Professor José Mendes transformando-se num marco histórico para a construção de diversos saberes, e efetivamente reconhecida pela maioria do povo da comunidade.

Com o passar dos anos, diversas lutas foram travadas, em defesa de uma educação de qualidade, voltada para a especificidade quilombola. Mudanças referentes à metodologia de ensino, aos conteúdos, a utilização de espaços, o reconhecimento dos saberes na comunidade... Tudo isso foi uma dinâmica de trabalho que passou a ser utilizada como referenciais locais, num

contexto real e significativo para as crianças, adolescentes e idosos na tentativa de que os saberes sirvam de instrumentos de uma transformação para uma comunidade melhor, e para que contribua na valorização e fortalecimento da história de luta e resistência do povo quilombola.

Seguindo o ritmo e os avanços de concepções libertadoras desenvolvidas em torno da educação no Brasil, em Conceição das Crioulas não é diferente. Neste mesmo contexto de luta e resistência de algumas lideranças amparadas pela organização do povo e a legitimidade de alguns instrumentos jurídicos, no caso, a escola e a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC.

Uma concepção de educação e aquisição de conhecimentos que vá ao encontro dos interesses emancipatórios que as comunidades quilombolas vêm construindo desde o período escravista, que requer a promoção de uma leitura de mundo que dê ênfase a sua trajetória histórica, como lembrança viva, de que o tempo não esvaece a disposição para a transformação. “Ser quilombola é estar sempre com as armas da perseverança, sabedoria e solidariedade coletiva” (NUNES, 2006, p. 149).

No processo educativo, os professores assumem o papel de mediadores da relação escola/família/comunidade e começam a participar ativamente da construção do Projeto Político Pedagógico – PPP, baseado num diagnóstico¹ que foi realizado na comunidade pelos sujeitos e teóricos parceiros. Neste sentido, com as parcerias de concepções libertadoras e pensamentos interculturais, pesquisadores e antropólogos começaram a desenvolver atividades com o objetivo de valorizar cada vez mais os saberes de nossos ancestrais apontando mecanismos de produção numa perspectiva educacional para os povos quilombola.

As escolas e as instituições não governamentais com o direcionamento das lideranças comunitárias articuladas umas as outras, entenderam a necessidade da produção de conhecimentos de forma sistematizada, resolvendo por meio dos resultados de pesquisas e dos saberes dos mais velhos, lançar experiências concretas capazes de se tornarem referenciais para a própria

¹ O diagnóstico foi elaborado pelos professores e professoras nos anos de 2002/2003 para que a Comunidade escolar respondesse a uma entrevista sobre A Escola Que Temos e a Escola Que Queremos, desde a infraestrutura, merenda, o perfil dos professores, os conteúdos curriculares...

comunidade e outras comunidades quilombolas de Pernambuco e do Brasil.

Considerando o processo de luta do povo quilombola é possível perceber que tivemos muitas conquistas e retrocessos ao longo dos anos, e que a luta continua, na perspectiva de construção de uma sociedade onde se tenha menos preconceito, discriminação racial, de gênero, e de opção sexual.

Nesse sentido, segue a luta, acreditando na mudança profunda, na emancipação que ainda não aconteceu, mas que é possível, ao resistir e insistir em novas perspectivas e produção do conhecimento, negando o apreendido naquilo que não contribuir, mas no que se percebe a possibilidade de um novo homem e uma nova mulher, afirmando-se, enquanto sujeito construtor e reconhecedor de sua classe, de sua cultura e de sua etnia, dentro da sua realidade coletiva sendo capaz de contemplar as necessidades reais do seu povo.

4 Espaços Outros e Memória Coletiva: Dos Espaços de Ontem aos Lugares de Hoje

É com base no princípio de que os espaços de produção coletiva do conhecimento nos territórios quilombola fortalecem as relações de parentesco,

valorizam a cultura e que contribuem para melhoria das condições de vida das pessoas e essas manifestações artísticas e culturais como: os terreiros das casas utilizados para contação de histórias e realização de diversas brincadeiras, celebrações religiosas, os mutirões das roças, as oficinas de artesanatos, as reuniões os encontros de mulheres trabalhadoras rurais são espaços de discussões e tomadas de decisões.

Os estudos da história local nos conduzem a tempos e modos diferentes de viver no presente que ainda é possível nos reconhecer no passado. Nesse percurso, a proposta para os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, às diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais; classificando-os como mais ‘evoluídos ou atrasados’.

A realidade vivenciada hoje, em Conceição das Crioulas, é fruto de dois processos em destaque, que a cada momento precisa ser observado com mais atenção, que vai ser a história e a memória coletiva: A história contada a partir de ‘um’ outro ponto de vista, e

narrada pelos próprios sujeitos do processo e, a memória coletiva, que precisa ser discutida, e deve considerar todos os processos de vivências desenvolvidos na história e na luta dos povos, enfatizando sua cultura e arte, garantindo a relação de uns com os outros.

Assim, a memória coletiva é a vida em família, os hábitos e costumes de uma localidade e povo, a religiosidade, a língua. Atualmente, com as grandes mudanças acontecidas na sociedade, principalmente, com o desenvolvimento acelerado do capitalismo, é notório perceber que os meios tecnológicos com a introjeção da cultura de massa, possibilitam e criam mecanismos, que distanciam e negam as lembranças desenvolvidas nos processos coletivos, pois a mesma tem como intuito a individualização do ser nesse mundo competitivo, sem considerar suas raízes, matando assim a cultura e sua contribuição histórica, como referência das lutas e as das manifestações culturais.

A questão central na obra de Maurice Halbwachs (1968) consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças sejam constituídas no interior de um

grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós, são na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”.

Assim sendo, é possível compreender que a memória coletiva esta intimamente relacionada com toda a produção grupal, construindo uma teia de significados que são internalizados entre os conflitos e as influencias desenvolvidas nos diversos processos de constituição do sujeito. Toda memória individual é produzido a partir das lembranças passadas de um grupo, que retrata a imagem de uma nova imagem. Diz Halbwachs (1968) que “os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo” (p.71).

Por isso, há preocupações na atual sociedade, quando os sujeitos são negados ou influenciados a produzir símbolos e imagens que não representam a memória coletiva, pois no atual sistema, é sempre intencional e perverso como forma de matar a cultura e suas

contribuições históricas, invisibilizando as referências importantes nas lutas pela resistência e em defesa da afirmação e da identidade.

A memória deve-se apoiar no passado para carimbar a produção de narrativas. E para isso, é preciso considerar elementos que são fatores decisivos para a impressão das realidades como são manifestadas. Considerar os pontos de vista e a maneira como as narrativas estão sendo produzidas, olhando para que interesses e finalidades sejam refletidas e produzidas à memória.

Dessa forma, consideramos memórias como plenas de conhecimentos e sensibilidades relacionadas com o vivido. É uma memória que não é só racional, mas é de um sujeito de direito. É que a história precisa ser pensada como um imenso campo de possibilidades no qual se crie condições para que cada pessoa desse quilombo se sinta pertencente à história da própria comunidade e que contribuam para formar pessoas que entendam que, por mais humilde que sejam também possuem memórias e estas são tão importantes quanto às outras memórias.

5 Espaços Outros de Educação

A educação não-formal não tem finalidade de substituir a educação formal,

tendo assim um caráter de complementaridade. Os processos de educação não formal iniciam-se a partir dos anos 80 do século XX através dos movimentos sociais e a educação popular relacionada aos processos de alfabetização de adultos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 afirma que a educação desenvolve-se em vários espaços.

Na educação formal ressalta-se o espaço territorial da escola, a sua regulamentação e normatização assim como a presença de currículos. Já na modalidade não-formal, referencia o aprendizado espontâneo e a instrumentalidade presente na figura do educador social.

Negar a educação ao povo dessa comunidade era algo planejado por aquele que detinha o poder por saberem que, com o conhecimento, as pessoas ficariam muito mais fortes e difíceis de ser manipulados e explorados (JORNAL CRIOULAS: A VOZ DA RESISTÊNCIA, 2005).

A conquista desses espaços outros educação tem-se dado através da Organização de um povo que teve ao longo tempo seus direitos negados. E que os avanços obtidos nessa luta, se devam a isso. O quilombo é um espaço de conquista do nosso povo. É a nossa terra, a nossa história, o nosso território, o

nosso artesanato, a nossa vida. E é nesse sentido que destacamos aqui através deste poema um pouco do cotidiano de Conceição das Crioulas e seus espaços outros de educação.

Fazendo referencia aos espaços outros de educação o Artigo 1º da LDB de 1996 reafirma a existência de diversos espaços outros de educação e consequentemente, de educadores para além da escola. “Pois a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organização da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Neste sentido, pode-se perguntar: Qual tipo de conhecimento a ser produzido na escola de modo a articular-se com espaços outros de educação? Em que essa aprendizagem contribui para formação Humana? Se pensar em educação que contemple os outros espaços “outros de educação” na comunidade quilombola significa dar visibilidade a outros saberes, que seja saberes (ARROYO, 2001), que consistem, em complementaridade do conhecimento a ser produzido na escola.

A tradição oral pode ser vista como uma “cacimba” de ensinamentos, saberes que veiculam e auxiliam homens e mulheres, crianças, adultos/as, os velhos/as a se integrarem no tempo e no espaço e nas tradições sem poder ser esquecida ou desconsiderada, pois oralidade é uma forma de registro. Recorrendo a Bokar (2013).

(...) a escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber em se. O saber é a luz que existe no homem. E a herança de tudo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim, com o baobá já existe potencial em sua semente (TIERNO BOKAR, apud BÂ, 2013, p.175).

Essas razões servem para afirmar que os saberes tradicionais não podem ficar fora do currículo, nem muito menos colocados como menores. Porém, nem sempre eles se encontram dentro das salas de aulas, mas precisam ser conhecidos e valorizados não apenas para contar a história de formação desse quilombo, mas remontar uma memória de luta e formação dos quilombos no Brasil e da resistência negra contra o sistema escravista. São esses conhecimentos também que as crianças, jovens e adultos da comunidade precisam saber, “Pois faz parte da sua pertença, da

sua identidade quilombola” (GONSAGA, 2003, p. 45).

Referindo ao Quilombo de Conceição das Crioulas diz-se que é preciso recriar sua existência com os recursos e os materiais que a própria Comunidade Quilombola lhe ofereceu. Os caminhos se ampliam quando os espaços outros de aprendizagem são significativos para o aprendiz e através de novas informações, conhecimentos e saberes encontram alternativas para preservar, recriar, (re)criar constantemente esses saberes.

Esse processo propõe uma metodologia que leva a (des)construção de currículos pronto, pois a perspectiva apresentada é outra, já que visa dar novos significados a cultura, a identidade quilombola, os saberes tradicionais que são componentes curriculares que as crianças, jovens e adultos podem adquiri-los não necessariamente nos espaços escolares, e sim, nas novenas, cultos, roças, contação de história, nos sítios arqueológicos, nas bonecas de caroá, na banda de pífano e no trancilim, nas brincadeiras de rodas, (chora bananeira) reuniões de associações, festas tradicionais, oralidades dos mais velhos.

Essas histórias são contadas e cantadas a partir da memória dos

quilombolas mais antigos da comunidade, e continua até hoje sendo recontada pelos mais jovens. É uma forma de continuar viva a nossa história.

A educação, compreendendo todas as práticas formativas como um fenômeno social histórico, dinâmico e político. Tanto extrapola processos quanto se transforma em intencional e acontece em espaços diferentes e de variadas formas.

Para Assevera Brandão (1981).

Ninguém escapa da educação: em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós nos envolvemos parte nossa da vida com ela: para aprender para ensinar, para aprender e ensinar, saber ou conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (...) não há uma forma única, nem único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece (...): o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é o único praticante (p.7).

O argumento do autor evidencia a abrangência da educação que pode ocorrer de forma espontânea (não intencional) ou planejada (intencional). Os espaços outros de educação devem ser considerados espontâneos, para a compreensão e identificação dos saberes.

Por isso, os temos como forma de fortalecimento da cultura do quilombo de conceição das crioulas. Os saberes e

conhecimentos dos mais velhos, a relação com a natureza, as bonecas, o trancelim, a banda de pífano dentre outros. Todos esses elementos são espaços de acumulação de saberes, dentro de uma dimensão da cultura que se materializa na relação de reciprocidade entre cultura e natureza. Todos estes espaços outros de educação são muito importantes para o fortalecimento da identidade cultural do povo de Conceição das Crioulas, no entanto queremos destacar alguns que iremos escrever de forma mais detalhada.

5.1 As Bonecas de Caroá

Essas bonecas representam a luta e resistência do povo de Conceição das Crioulas. Cada modelo foi desenhado a partir das mulheres da comunidade, elaborados pelos jovens. Cada uma representa uma personagem marcante da história desse povo que soube a partir da união vencer grandes desafios e que continua forte e atuante na luta das comunidades quilombolas. A seguir descreveremos as bonecas de caroá e sua relação com a identidade quilombola.

Emília é também conhecida como “Liosa”. É uma das mulheres que mantém viva a história e a tradição de Conceição das Crioulas. Júlia (in memorian) foi uma

das artesãs mais importantes na arte do caroá e por sua persistência garantiu a transmissão desse saber tradicional para os mais jovens. Margarida conhecida como “Mãe Magá” (*In memorian*) era uma mulher a serviço do seu povo. Parteira das mais respeitada na história da comunidade ficou conhecida como “mãe de todos”. Lourdinha é professora e artesã conhecida na comunidade por valorizar a beleza da mulher negra. Como professora contribui para o fortalecimento da identidade de seus alunos. “Madrinha Lurdes” é uma das ceramistas mais antigas da comunidade, muito respeitada pelo seu trabalho na confecção de louças de barro.

A Sr^a Francisca Ferreira (*In memorian*) é considerada pelos mais velhos como uma das seis mulheres negras que deram origem ao povo de conceição. Segundo a história oral foi através do cultivo do algodão, que ela e as demais arrendaram e adquiriram a posse da terra. Antônia (*in memorian*) era uma mulher de personalidade forte e habilidosa fiadeira de algodão. Josefa, é a artesã de palha do catolé, produz principalmente esteiras, produto que era muito utilizado pelos antepassados como cama.. Generosa, uma mulher de grande

importância no processo de organização do seu povo e educadora popular.

Para destacar a importância das mulheres na luta e na história de Conceição das Crioulas é que muitas delas estão representadas nas bonecas de caroá destacamos aqui uma música que descreve um pouco das crioulas. Esta música foi produzida durante uma formação para a construção do PPP-Projeto Político Pedagógico e com a finalidade de valorizar cada vez e voz a Comunidade.

Mulheres Guerreiras²

Mulheres guerreiras

Chegaram em Conceição

Pra conseguir a liberdade

Plantaram o algodão

O grande sonho Virou verdade

Com força e união

Conquistaram a liberdade

Então os fazendeiros

Ricos e opressores

Invadiram Conceição

Se tornaram dominadores

Mas o povo de Conceição

Meu irmão

Demonstraram

resistência

² Música de composição coletiva por mulheres de Conceição das Crioulas: Maria Zélia de Oliveira, Márcia Jucilene do Nascimento, Maria Diva da Silva Rodrigues e Francisca Marcelina de Oliveira.

E continuaram resistindo

A todo tipo de violência

Hoje a comunidade

É organizada

Busca seus direitos

Com força e coragem

Durante muito tempo

A educação

Foi um forte instrumento

A favor da opressão

É por isso que defendemos

Uma educação diferente

Que inclua nos currículos

A história da gente.

5.2 O Trancilim e a banda de pífano de Conceição das Crioulas: Cultura e tradição.

O Pífano, conhecido também como pífaro ou pife, é uma flauta transversal feita em material cilíndrico com sete furos, um para soprar e seis para dedilhar. Tradicionalmente feito de bambu, PVC ou metal. No século XVI na época dos “descobrimentos” o pífano estava presente nas caravelas portuguesas e espanholas para celebrações a bordo. O registro mais antigo de existência de um instrumento semelhante ao pífano no Brasil data de cerca de 2.000 anos atrás. Até o século 19, o pífano era basicamente um instrumento militar usado sempre a

frente da infantaria. Normalmente o pífano é feito de 3 tamanhos: meia régua, três quartos ou régua inteira chegando a medir de 36cm à 40 com.

A tradição das bandas de pifanos é transmitida de geração em geração. O trancelim e uma dança cultural que surgiu há mais de dois séculos com a chegada das seis Crioulas em Conceição, de acordo com o relato oral de alguns moradores mais velhos da comunidade.

Na época da construção da primeira capela de nossa Senhora da Conceição, após os trabalhos pesados durante o dia, à noite, as mulheres dançavam o trancelim como forma de agradecimento por mais um dia de luta, fazendo movimentos que se assemelhavam ao percurso feito pelas negras até chegar à terra da liberdade. Essa dança se tornou tradição nas noites de novena. Quando iam rezar nos sítios vizinhos e a noite estava clara, as mulheres dançavam a estrada inteira ao som da banda de pífano.

Hoje, o trancelim se tornou uma dança tradicional e indispensável nas noites de novenas da comunidade. As crioulas, os jovens e os idosos expressam seus sentimentos e sua resistência através da dança. O trancelim é um símbolo de cultura e liberdade, que está sendo

passado de geração para geração. A própria escola incorporou-o ao currículo, transformando-o num aprendizado valioso para a identidade e autoestima do povo quilombola de Conceição das Crioulas.

Bevenuto Simão de Oliveira foi um dos primeiros tocadores da banda de pífano em Conceição das Crioulas. Ele aprendeu a tocar pífano com seu pai José Simão de Oliveira. Mesmo com a morte de seu pai, Bevenuto deu continuidade à tradição da banda de pífano. Ele tornou-se uma liderança da igreja ajudando em tudo que tinha em torno da religião.

Atualmente há na Comunidade um projeto chamado "ao som do pífano" que é coordenado por Adalmir José que também faz parte da banda de pífano. Este projeto atende crianças e adolescentes que gostariam de aprender tocar o pífano. Esta é uma de continuar vida uma das tradições mais importante para a história e cultura de Conceição das Crioulas.

5.3 Sítios Arqueológicos: A Pedra da Mão

Um dos pontos mais visitados da comunidade por nós e por pesquisadoras e pesquisadores que vem a nossa comunidade também lá se encontra

pinturas rupestres em formas de mãos que são comprovadas que tem milhares de anos. Além do mais é uma pedra linda que não conhecemos outra igual com tanta beleza!

5.4 O Caldeirão dos Ossos/Fósseis

Localizado na Vila União é muito importante para comunidade, para grupos de professores e professoras, estudantes daqui e de outras localidades, até mesmo de fora do Estado de Pernambuco e que recebe esse nome por ter sido encontrado fósseis, em 2003. Moradores encontraram quando estavam fazendo escavações para acumular água para o uso coletivo da comunidade.

5.5 A Pedra Preta

A Pedra Preta é um dos símbolos históricos da comunidade com muito significado, e por isso também se tornou um ponto turístico para quem visita o território quilombola de Conceição das Crioulas e que a seu respeito às pessoas mais velhas da comunidade nos contam muito. Segundo elas, na Pedra Preta há muitos sinais: o rastro do pé de Deus quando era criança e também quando já adulto, o rastro do pé de um gigante, etc.

Dizem os mais velhos que na verdade a pedra preta é “O pé da preta”,

pois, de acordo com a história oral, existe lá em cima a marca de um pé, deixado por uma preta (negra). Apesar disso, no popular da comunidade, o nome que predomina é a pedra preta. Este local, desperta a imaginação e curiosidade das pessoas que por lá passam por haver um cruzeiro onde as pessoas faziam promessas e lá deixavam objetos de barro ou de madeira, simbolizando a graça alcançada. No entanto, são várias as histórias que vão ganhando significados de acordo com quem ouve e interpreta, já que hoje, as crianças no seu imaginário, atribuem à marca do pé, ao pé de Deus quando criança, ou até mesmo ao pé de um gigante, onde o outro pé ficava já em outra pedra também famosa no nosso território que é a Pedra do Matame.

Vale ressaltar que todos esses espaços outros de educação são repletos de saberes e conhecimentos, seja a partir de estudos para identificar conteúdos das diversas áreas do conhecimento ou mesmo conhecer as personagens que são evidenciadas nas bonecas de caroá, conhecer a história do trancilim e da banda de pífano, enfim são espaços que nos proporcionam um encanto entre o passado, presente e futuro do nosso povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se vê, atualmente, o quilombo de Conceição das Crioulas continua fazendo história. Seja na política, na saúde, na educação, no esporte, na arte, enfim, todos e todas com sua importância, iguais na luta por uma vida feliz, com dignidade para toda a comunidade.

O reconhecimento e a reafirmação dos processos históricos de identidade da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas são de fundamental importância para garantir o fortalecimento dos caminhos da educação, da cultura, da memória e da história, pois é a partir dela que é possível dar conta dos sentidos e significados da vida do povo. Compreender a importância desses processos educativos para essa Comunidade é perceber que a educação fora do espaço escolar garante aprendizagens significativas para a Comunidade Quilombola. Em suma, a pesquisa desse artigo apresentou a questão do reconhecimento de outros espaços de educação, como alternativas educacionais, numa perspectiva descolonizadora, e de valorização dos processos construídos coletivamente pela história do povo.

“Sua memória não se guia, na maioria das vezes, pelo tempo do relógio, mas pelo tempo da experiência vivida (festejos populares, manifestações culturais, sítios arqueológicos, bonecas de caroá, banda de pífano e trancilim, experiências comunitárias, jantares familiares, mutirões nas roças...), o que significa que as lembranças não têm a precisão do calendário, porém, que nos trazem a riqueza dos sentidos dessa experiência, que são múltiplos e se modificam ao longo do tempo.”

É com esse pensamento, embutido de (re)significação do cotidiano do povo quilombola de conceição das crioulas que, na luta contínua por uma educação que reflita e proponha um novo significado de produção conhecimentos e saberes tem identificado as potencialidades que existe em diversos espaços outros de educação.

Fundamentada em teorias (des)colonizadoras, e concepções libertadora e em referências vivas do povo, consegue-se constatar que os caminhos percorridos são os caminhos necessários para a efetivação de uma educação que valorize todas as formas de aprender e ensinar. E este processo desenvolvido dentro da comunidade se materializa nas experiências e vivências do povo quilombola.

Os espaços outros de educação aqui citados fazem parte do acervo das memórias vivas de um povo que muitas vezes não teve acesso ao processo de escolarização, mas sempre esteve nestes espaços se fortalecendo para poder continuar a jornada diária que nem sempre foi fácil. Estes espaços fazem

parte do processo de luta deste povo, pois é nestes e outros locais, quer seja ouvindo as histórias dos mais velhos, pegando água nos caldeirões ou mesmo fazendo um piquenique na pedra preta estamos dando um novo sentido para o nosso território.

REFERÊNCIAS

ADORNO , Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. FGV Editora, 2004.

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS. **Projeto Político Pedagógico das escolas quilombolas do território de Conceição das Crioulas**. 2016

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS. **Jornal Crioulas: A voz da resistência** -2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?**. 42^a reimpressão da 1^a edição. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal,1988.

CAMARGO, Aspásia. **História oral e história**. Rio de Janeiro: Cpdoc, 1977, 17f. (Trabalho apresentado no 1 Seminário Brasileiro de Arquivos Municipais. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2-6 ago. 1976.)

FIALHO, V. ; ALMEIDA, A. W. B. de ; SANTOS, H. C. . **Quilombolas de Conceição das Crioulas**, Salgueiro, Pernambuco. Manaus: FUA, 2008 (Brochura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** São Paulo, Brasil: Paz e terra, 1997.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não formal e o educador social.** Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. p.104

GONÇALVES, Geovani José; NUNES, Maria Aparecida Conceição; BEZERRA, Herlon Alves; OLIVEIRA, Edivania Granja. Desenvolvimento curricular intercultural e reconhecimento étnico. **Revista de Educação do Vale do São Francisco – REVASF**, v. 4, n. 6, p. 211-231, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **Memória colectiva y memoria histórica.** Paris: PUF,1968.

MONTEIRO, Eduardo de Lima Neto. **Pífanos do sertão.** Recife: FacForm, 2016

NOSSO TERRITÓRIO. Realização: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas-AQCC. Parceria: ActionAid, Heifer, Centro de Cultura Luiz Freire – CCLF. Save The Childen/UK.

PRESTES, Emília Maria da Trindade. Revisitando as ideias de Paulo Freire e de João Francisco de Souza: Educação Popular, Diversidade Cultural e Currículo. **Revista Espaço do Currículo**, v. 6, n. 2, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.15687/rec.v6i2.17154>

PRINCIPIOS DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA. Realização: Centro de Cultura Luiz Freire, Comissão Estadual das Comunidades Quilombolas de Pernambuco. Apoio: Save The Childen Reino Unido (2007/2008).

SANTIAGO, Anna Rosa Fontella. Pedagogia crítica e educação emancipatória: um diálogo entre Paulo Freire e Boaventura Santos. In: IX ANPED/SUL, 2012, Caxias do Sul. IX ANPESUL: seminário de Pesquisa em Educação da região Sul. Caxias do Sul: UCS Editora, 2012. v. 1. p. 1-15.

SILVA, Givânia Maria da. Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas. 2012. 199 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SILVA, René Marc da Costa. Cultura popular e educação. **Brasília: Salto para o futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2008.**